

## **A Dialética na Perspectiva do Materialismo Histórico: Um Procedimento Epistemológico para a Leitura do Turismo em sua Essencialidade**

**Rodrigo Meira Martoni<sup>1</sup>**

**Resumo:** O estudo contempla a Dialética do Materialismo Histórico como método que abarca a materialidade em seu movimento constante, incluindo suas relações dinâmicas, condicionantes e contraditórias. O intuito principal é detalhar e demonstrar o seu alcance explicativo no que se refere ao campo de estudos do fenômeno turístico. A abordagem da Dialética nessa perspectiva está contextualizada a uma análise do progresso científico, o qual somente é possível mediante a contraposição de métodos. Para isso, é realizada uma explanação sobre os paradigmas propostos pelo filósofo Thomas Kuhn, os quais são compreendidos aqui com identidade relacional aos métodos. Diante do processo dinâmico da realidade social, os métodos/paradigmas são questionados quando se restringem a explicar um grupo reduzido de problemas ou ficam limitados a esclarecimentos parciais. Quando isso ocorre, sobrevêm as chamadas “revoluções científicas”, as quais não negam um método/paradigma usual, mas abrem margem para outras e novas leituras por meio de diferentes matrizes epistemológicas.

**Palavras-chave:** Paradigma. Método. Materialismo Histórico e Dialético. Turismo.

### **Introdução**

Para a consideração de um campo de estudo como ciência, três questões essenciais precisam ser abarcadas: a) o objeto próprio de investigação; b) as hipóteses e teorias resolvidas e a serem levantadas; e c) o método para a execução das tarefas mencionadas. Mas é preciso não perder de vista que toda a ciência está integrada a uma lógica histórica, formatada por relações sociais associadas às forças produtivas de um período, numa trama de relações nunca estática nem uniforme. Verifica-se, assim, que, para a análise científica de um determinado fato, é preciso valer-se de um método, o qual não está dissociado da realidade social. Na primeira parte deste estudo é realizada uma breve exposição sobre o progresso científico a partir do enfoque de Thomas Kuhn a respeito dos paradigmas. Para este filósofo, os processos que revolucionam e renovam a ciência partem da contraposição de paradigmas, os quais são tratados aqui com identidade de relação aos métodos (Positivista, Neopositivista, Funcionalista, Estruturalista, Fenomenológico, Materialismo Histórico e Dialético).

Na segunda parte é feita uma análise da Dialética na perspectiva do Materialismo Histórico com foco nos elementos que caracterizam este método, bem como na sua dinâmica

---

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo e Mestre em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual de Londrina. Professor do quadro efetivo do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira. Bolsista CAPES. E-mail: rodrigomartoni@gmail.com

para a leitura do real. Tendo em vista que “uma ciência repetitiva é uma ciência estagnada” (ROBERT MORAIS, 1989, p. 17), o avanço e renovação dos estudos no campo do turismo estão atrelados às diferentes leituras acerca de fatos relacionados ao objeto, a partir de paradigmas conflitantes. Os saberes promovidos por meio da Dialética do Materialismo Histórico, para além de uma crítica às formulações de outras vertentes paradigmáticas que buscam resolver o que Kuhn chama de “quebra-cabeças”, constituem-se como possibilidade de levantar os processos contraditórios para orientar a prática de coletividades onde o turismo já se configura como elemento marcante, ou naquelas onde suas diretrizes já são vistas em um horizonte próximo.

### **1. Os paradigmas de Thomas Kuhn como explicação para o avanço científico**

O físico teórico e filósofo Thomas Kuhn (2006) aponta que as ciências se valem de diferentes paradigmas para a explicação de um objeto e, justamente por isso, podem ser consideradas como ciências. Quando publicou o seu estudo intitulado “A Estrutura das Revoluções Científicas”, em 1962, Kuhn rompeu as demarcações científicas colocadas pelas vertentes positivistas e neopositivistas, ambas firmadas na verificabilidade empírica, no embasamento de análises em dados estatísticos desligados da conjuntura, na fixidez e isolamento dos fatos sociais e no princípio “da unidade metodológica entre a ciência natural e a ciência social” (TRIVIÑOS, 1987, p.37). Seu posicionamento constituiu-se em um baque no que se refere à ideia de “unidade metodológica”:

Para él, lo que caracteriza a la ciencia real (lo que denomina ‘ciencia normal’) es la adhesión [...] a um ‘paradigma’, a um marco teórico heredado, que significa a la vez una serie de logros científicos ejemplares, una manera de abordar el análisis de los rompecabezas que el científico encuentra en su práctica cotidiana y, sobre todo, una definición implícita de los problemas que la teoría puede plantearse y de la forma de resolverlos (PARAMIO, 1993, p. 04).

Kuhn coloca que a “ciência normal” pode ser entendida como as pesquisas que se apóiam em realizações científicas passadas, as quais são reconhecidas pela comunidade de pesquisadores e fornecem as bases para futuros estudos. As realizações científicas que compõem a chamada ciência normal tiveram condições de orientar outros estudos, pois possuíam duas características fundamentais: 1) cientistas avançaram em explicações acerca de um objeto, atraindo um grupo considerável de adeptos que focaram seus estudos a partir da nova realização científica; e 2) pelo fato de seus avanços serem amplos, abriram diversas possibilidades de pesquisa. As realizações que abarcam estas duas características são

chamadas por Kuhn de “paradigmas”. “De início, o sucesso de um paradigma [...] é, a princípio, em grande parte, uma promessa de sucesso que pode ser descoberta em exemplos selecionados e ainda incompletos” (KUHN, 2009, p. 44). Assim, a ciência normal está comprometida com tal promessa, no sentido de firmar um paradigma como ferramenta explicativa de fatos, justamente porque é composta por regras, conceitos e teorias. A ciência normal apóia-se teórica e empiricamente em três questões: “[a] determinação dos fatos significativos para as pesquisas; [a] harmonização dos fatos com a teoria e [a] articulação da teoria” (KUHN, 2009, p. 56). Seu foco está na solução de um “quebra-cabeça”, compreendido como um conjunto de problemas que são levantados, apresentados e teorizados nos limites do paradigma. O estabelecimento de compromissos ou adesões (conceituais, teóricas, metodológicas e instrumentais) é a base da ciência normal. Os estudos assim balizados irão compor os chamados manuais de orientação aos estudantes, muitos dos quais seguirão sua trajetória acadêmica com formulações e práticas enquadradas nos mesmos parâmetros e, portanto, geralmente sem desacordos com o paradigma que os norteou.

No campo dos estudos turísticos, ou o que podemos chamar de ciência normal do turismo, verifica-se a constituição de uma série de investigações balizadas, por exemplo, pela formulação de estruturas compostas por elementos específicos. É considerável o número de publicações que partem do princípio de que o mundo e as relações somente podem ser conhecidos a partir de modelos, nos quais seus elementos serão verificados e tratados com vistas à harmonização e eficiência de um sistema. Cada qual com suas especificidades, mas nos limites paradigmáticos definidos do estruturalismo, podemos citar como exemplo as pesquisas de Mário Petrocchi, Sérgio Molina, Mário Carlos Beni. Mas, no processo de desenvolvimento da ciência normal, surgem os chamados “problemas extraordinários”, os quais vão além dos problemas normais da ciência (dos quebra-cabeças), problemas estes que podem colocar em xeque um determinado paradigma, o qual fica restrito à explicação de um grupo reduzido de problemas ou à elucidação parcial destes:

[...] um paradigma pode até mesmo afastar uma comunidade daqueles problemas sociais relevantes que não são redutíveis à forma de quebra-cabeças, pois não podem ser enunciados nos termos compatíveis com os instrumentos e conceitos proporcionados pelo paradigma (KUHN, 2009, p. 60).

Se um paradigma não fornece os elementos necessários ao esclarecimento de fatos detectados como relevantes geralmente para grupos minoritários da comunidade científica, abre-se campo para os processos de crise, os quais se caracterizam pela proliferação de

paradigmas. Assim, verifica-se que a crise leva à inovação e, portanto, à reconstrução de um campo de estudos sob novos olhares e perspectivas, chamada por Kuhn de “ciência extraordinária”. No desenvolvimento científico, quando se detecta algo que está para além das possibilidades explicativas de um paradigma, ou seja, quando se depara com anomalias que não podem ser abarcadas por suas diretrizes teóricas, materializa-se uma “revolução científica”. É importante esclarecer que não se trata da negação de um paradigma, mas sim do seu questionamento por “paradigmas revolucionários”: “A transição de um paradigma em crise para um novo [...], está longe de ser um processo cumulativo obtido através de uma articulação do velho paradigma. É antes uma reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios [...]” (KUHN, 2009, p. 116). Esse processo, conseqüentemente, pode tratar de questões não abordadas pelas teorias predecessoras ou se constitui como uma teoria mais elevada em um determinado enfoque de um campo de estudo.

Desse modo, a adoção de um paradigma para a explicação de um objeto leva cientistas a se posicionarem de formas diferenciadas (e antagônicas) sobre um mesmo assunto. Isso é provocado, pois “a ciência normal não tem como objetivo trazer à tona novas espécies de fenômenos; na verdade aqueles que não se ajustam aos limites do paradigma frequentemente nem são vistos” (KUHN, 2009, p.45). Isso quer dizer que os adeptos a paradigmas competidores dificilmente chegam a um consenso quanto aos problemas que devem ser analisados, uma vez que os proponentes de paradigmas competidores apóiam-se em suas concepções de mundo, seja pela impossibilidade de compreensão do um novo (ou outro) paradigma, seja por fatores ideológicos, como assim afirma o filósofo Georg Lukács (1972, p.4): “Uma de las tesis fundamentales [...] es la de que no hay ninguna ideologia ‘inocente’” E, assim, a ciência avança mediante as rupturas propiciadas por novas e outras leituras.

Os paradigmas propostos por Kuhn são compreendido aqui como os diferentes métodos citados, os quais são assimilados pelos diferentes e divergentes grupos da comunidade científica na busca pela explicação de fatos e defesa de posicionamentos diversos. O método é, portanto, “um procedimento epistemológico, na medida em que ele define como o conhecimento é produzido, sistematizado e transmitido” (FARIA, 2011, p.01), sendo que as técnicas são seus elementos auxiliares. Robert Morais complementa: “O método de interpretação refere-se a posturas filosóficas, ao posicionamento quanto às questões da lógica e, por que não dizer, à ideologia e à posição política do cientista” (1989, p. 27).

A partir de tais considerações é que a situação do estudo do turismo deve ser analisada. Se podemos situar suas primeiras investigações sistematizadas no campo da economia, com destaque para a Escola de Berlim na década de 1920, verifica-se que, diante dos apelos de uma lógica de mercado, os paradigmas positivistas e neopositivistas têm prevalecido. Diversos são os estudos que enfocam o crescimento do turismo em termos de volume, incluindo a empregabilidade, os investimentos e os fluxos. Apoiados em descrições da realidade percebida e dados estatísticos, buscam o equacionamento do crescimento econômico por meio de ajustes dos componentes da realidade social, com vistas à ordem e ao progresso propiciados pelo Estado, iniciativa privada e organizações não governamentais. Tais bases analíticas, ao fixarem os problemas ou tratá-los no contexto de uma estrutura recortada para fins de otimização, deixam de abarcar as contradições inerentes à racionalidade econômica vigente e, portanto, ao movimento da realidade social. Diante dos paradigmas que se empenham em corroborar os benefícios econômicos do turismo apoiados em dados estatísticos como fim último de pesquisas, muitas são as comunidades locais e científicas que questionam a quem e a que interesses servem os estudos quantitativos. Evidenciamos para o fato de que somente com outros olhares, os quais promovem as rupturas a partir de diferentes paradigmas (métodos), é que o turismo pode avançar em seu status científico e, portanto, ao seu entendimento causal e conjuntural.

## **2. A Dialética na perspectiva do Materialismo Histórico: uma proposta de método para a análise de temas no campo do turismo.**

A adoção de qualquer paradigma/método citado está atrelada ao posicionamento filosófico e político do pesquisador, conforme mencionado anteriormente. Ideologia, política e teoria são fatores inseparáveis e não estão restritos a um ou outro método, mesmo porque o pesquisador não atua isoladamente da sociedade em que vive. Trata-se de um ser social. Assim, “é errado pensar que o progresso científico trafegue por um leito absolutamente autônomo, independente das relações econômicas e políticas vigentes” (ROBERT MORAIS, 1989, p.16). Na análise da Dialética na perspectiva do Materialismo Histórico - o método proposto e utilizado por Marx -, diversos componentes devem ser levantados, os quais abarcam tanto os próprios procedimentos para a pesquisa da realidade social, como as estratégias políticas. Mas, com o intuito de apontá-lo como eixo norteador essencial para o

entendimento de um dado objeto para além das suas formas de manifestação (neste caso, o turismo), o foco será dado nas características gerais do método.

Inicialmente, é preciso considerar que os embates epistemológicos têm como base dois posicionamentos opostos já colocados pelos gregos, conforme assinala o pesquisador José Henrique de Faria (2011, p. 02): “[...] o realismo (empirismo) e o idealismo (racionalismo). O que se encerra nesta discussão é se a origem do conhecimento está na realidade apreendida pelo sujeito ou no pensamento que concebe a realidade”. O materialismo, na sua formulação mais simplificada, parte do pressuposto de que os homens, ao buscarem os elementos essenciais à manutenção de suas vidas, estabelecem relações a partir do movimento de trabalho, entendido como ação modificadora da realidade. Tais relações implicam interações entre os homens e entre estes com o meio natural, promovendo uma transformação material: “o trabalho implica mais que a relação sociedade/natureza: implica uma interação no marco da própria sociedade, afetando os seus sujeitos e a sua organização” (NETTO, BRAZ, 2008, p.34). Os elementos materiais existem na realidade concreta e, portanto, constituem-se como bases essenciais do conhecimento: “O sujeito pensa e age com a realidade dos fatos. Na filosofia, Demócrito e Epicuro foram dois pensadores pré-socráticos que defendiam a posição materialista” (FARIA, 2011, p. 02).

Enquanto o posicionamento materialista parte da matéria, o idealista, também em sua formulação mais simplificada, parte do plano das ideias. Trata-se da consideração exclusiva do eu subjetivo. Para os idealistas, “uma ideia aplicada na constituição de um fato nasceria da própria ideia ou de um encadeamento de ideias. A ideia que se transformaria em realidade nasceria sem ‘contágio’ com a realidade a ser gerada” (FARIA, 2011, p. 03). Ou seja, para este entendimento, o ponto de partida não é o referencial material estabelecido pelas relações socioculturais em um processo histórico, mas aquele que parte da subjetividade desconsiderando a materialidade e as relações a ela vinculadas - o homem determina o conteúdo e a forma da realidade por meio das ideias. Platão é a grande expressão inicial do idealismo. A dialética, entendida de forma geral como processo, foi desenvolvida pelos dois posicionamentos opostos (materialista e idealista). Não considerando aqui as suas fases desde os gregos (Heráclito), mas abordando a dialética na perspectiva idealista de Hegel para desembocar em Marx, verificam-se os consideráveis avanços de sua filosofia com a tríade tese, antítese e síntese:



O método dialético [...] estudava as coisas enquanto ‘processo’, enquanto realidades ‘em movimento’, em perpétuo vir-a-ser, consideradas na onda ininterrupta da vida. Desta forma se opunha ao método ‘metafísico’: este estudava as coisas enquanto objetos ‘fixos’, feitos uma vez por todas e como que mortos; deixava-se paralisar por pretensas antinomias do verdadeiro e do falso, do bem e do mal. ‘Dialética’, eis o que incluía a dupla e conjunta idéia (sic) de movimento e de contradição superadas. Após a tese ou afirmação, vinha a ‘antítese’ ou negação, seguida da ‘síntese’ ou negação da negação: aí estava a ‘triade’ hegeliana [...]. Mas Hegel, para quem os objetos reais eram apenas os reflexos de determinado grau da Idéia (sic) absoluta, aplicara o movimento dialético à Idéia (sic) se desenvolvendo por si mesma (CHEVALIER, 1982, p. 289).

Karl Marx, ao evidenciar a primazia do real, não abandona a importância “do pensamento, das ideias e do sujeito, mas, ao contrário, [valoriza] o pensamento como mediador da consciência” (FARIA, 2011, p. 04). As relações sociais resultam da ação interativa dos homens a partir do movimento para a produção material que sustenta a vida (trabalho e práxis). Tais relações efetivadas e modificadas em um processo histórico “exercem sobre [os homens] pressões e constrangimentos, acarretam efeitos e conseqüências que independem da sua vontade; mas, igualmente, são alteráveis e alteradas pela vontade coletiva e organizada das classes sociais” (NETTO; BRAZ, 2008, p. 169).

A dialética, na perspectiva do Materialismo Histórico, prioriza tal dinâmica do real, a qual pode ser apropriada pelo pensamento tendo como ponto de partida a materialidade. Justamente por isso, Chevalier evidencia que Marx inverte a dialética de Hegel: para este filósofo materialista, “[...] a idéia (sic) é apenas o reflexo dum objeto real no cérebro, [o qual vê na dialética] a ciência das leis gerais do movimento do mundo exterior, assim como do movimento do pensamento, aliás, reflexo do precedente” (1982, p. 289). Os movimentos da sociedade no capitalismo, configurados em conformidade com as interações complexas e dinâmicas (sociais, políticas, economias e culturais), formatam uma tese. Os elementos contraditórios entendidos como as lutas de classes próprias das relações de produção antagônicas, os condicionantes econômicos que privilegiam uns e marginalizam outros, os problemas ambientais impossíveis de serem resolvidos sem abalos econômicos, entre outros, constituem a antítese do processo, da qual será gerada uma síntese. Tal movimento ininterrupto parte do real e não do mundo das ideais, tal como exposto por Marx e Engels (1996, p. 37,38):

Totalmente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. Ou, em outras palavras: não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso;

parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida [...]. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que elas correspondem, perdem toda a aparência de autonomia. Não tem história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como do próprio indivíduo vivo; na segunda, que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos, e se considera a consciência unicamente como 'sua consciência' [...].

Está evidente que a dialética de Marx busca o movimento a partir do real. Também no campo do turismo uma diversidade de temas pode ser trabalhada nessa perspectiva. A título de exemplificação do processo tese-antítese-síntese, pode-se citar a análise referente à criação da EMBRATUR em 1966, então Empresa Brasileira de Turismo<sup>2</sup>. Tese: o governo militar criou a EMBRATUR e o Conselho Nacional de Turismo como forma de institucionalizar o turismo e promover a estruturação receptiva nacional, diante das possibilidades econômicas alavancadas pelo setor. Uma das políticas adotadas foi a de firmar a imagem de país receptivo e exótico, caracterizado por belas mulheres, carnaval e futebol, tal como exposto em campanhas de divulgação. Para isso, em 1967, o governo criou o Sistema Nacional de Turismo, que vinculava o Ministério das Relações Exteriores à EMBRATUR e ao Conselho. A perspectiva explicitada era a de atrair o turista ideal, leia-se, o estrangeiro, e contribuir com o crescimento econômico do país.

Antítese: elegendo imagens que focavam a vertente sensual da mulher brasileira, além do exotismo cultural e natural, a divulgação oficial ajudou a criar uma noção de país movido por festas, comandado por um povo alegre e com mulheres fáceis. A ênfase na imagem brasileira não foi por acaso: com ela, o grupo ditatorial buscava também combater as denúncias de exilados políticos sobre perseguições, torturas e assassinatos a que estavam sujeitos os que se opunham ao regime. O Ministério das Relações Exteriores compunha o sistema justamente por isso: com o seu Centro de Informações no Exterior (CIEEX), espionava os exilados para fornecer informações precisas aos órgãos de repressão sobre suas ações e publicações, além de levar a divulgação oficial formulada pela EMBRATUR a outros países.

---

<sup>2</sup> Sobre as ações da Embratur no período militar, consultar: MARTONI, Rodrigo Meira. Aparência e essência nas políticas públicas de turismo no Brasil: os 40 anos da EMBRATUR. In: X ENCONTRO NACIONAL DE TURISMO COM BASE LOCAL. 2007, João Pessoa. Anais Identidade Cultural e Desenvolvimento Local. João Pessoa, 2007. p. 553-563.



Esta política ajudou a disfarçar os conflitos internos, ao mesmo tempo em que efetivou uma imagem deturpada em vários aspectos. Em meados da década de 1990, fica latente que tal imagem contribuiu com uma noção equivocada da nação, com repercussões diretas, inclusive, no aumento de fluxos externos para a prática do turismo sexual. Alguns movimentos contrários apareceram e explicitaram tais questões, que acabaram assimiladas pelo governo.

Síntese: os planos governamentais posteriores (principalmente após a reestruturação da EMBRATUR com a criação do Ministério do Turismo em 2003) não somente negaram tal ideia, como reconstruíram a imagem do país, firmada em seus atributos mais expressivos do ponto de vista cultural, histórico, natural e estrutural. Esta questão pode ser comprovada na publicação oficial comemorativa aos 40 anos da EMBRATUR (2006), que traça uma linha do tempo das ações da instituição, de 1996 até 2002, sem fazer qualquer referência aos aspectos apontados anteriormente.

A reordenação dos planos de construção e divulgação da imagem do Brasil constituiu-se em uma síntese, a qual teve como tese as ações efetivadas pela EMBRATUR durante mais de duas décadas e como antítese, as movimentações que surgiram expondo os procedimentos mercadológicos que deturpavam a imagem brasileira pela então Empresa Brasileira de Turismo. A reordenação (nova tese), no entanto, não encerra o processo, pois a mesma é movimentada por contradições (antítese). No exemplo apontado é possível verificar uma síntese, contudo, em muitas análises possíveis de serem empreendidas pela Dialética do Materialismo Histórico, a síntese pode ainda não ter se processado. Se procedermos, por exemplo, a uma investigação referente aos cursos superiores de bacharelado em turismo no Brasil, teremos condições de levantar alguns elementos que se constituem como antítese da tese, mas verificaremos que a síntese ainda não está formatada integralmente. Com isso, fica evidente a dinâmica do processo.

Para abarcarmos um determinado tema em sua complexidade, ou seja, “para que as pesquisas tenham um caráter teórico rigoroso, é necessário que sejam definidas quais as categorias de análise que serão utilizadas para apreender o real e suas relações” (FARIA, 2011, p.10). Na busca da compreensão de um dado objeto, fato ou fenômeno, considera-se uma diversidade de categorias (classes sociais, forças produtivas, trabalho abstrato, mercadoria, elementos culturais, entre outros), as quais devem ser compreendidas em um sentido ontológico e reflexivo. É no entrecruzamento das categorias com o fato analisado que é possível partir do real apresentado imediatamente e chegar ao real concreto (ou pensado).

Em Para a Crítica da Economia Política, Marx apresenta a Dialética do Materialismo Histórico com mais detalhes (1987, p.16,17):

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação. No primeiro método, a representação plena volatiliza-se em determinações abstratas, no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. Por isso é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto que o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto ‘não é senão a maneira de proceder do pensamento’ para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado. Mas este não é de modo nenhum o processo de gênese do próprio concreto. A mais simples categoria econômica, suponhamos, por exemplo, o valor de troca, pressupõe a população, uma população produzindo em determinadas condições e também certos tipos de famílias, de comunidades ou Estados. O valor de troca nunca poderia existir de outro modo senão como relação unilateral, abstrata de um todo vivo e concreto já dado.

A partir dessa explicação, é possível verificar as principais características do método:

- a) A abstração necessita de uma referência empírica, de um ponto de partida, o elemento concreto. O objeto (ponto de partida) se apresenta ao pesquisador na sua forma aparente, não revelando sua essência. Assim, “o mundo da pseudo-concreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido. O fenômeno indica a essência e, ao mesmo tempo, a esconde” (KOSIK, 1976, p.11);
- b) Tal objeto é resultado de síntese, ou seja, constitui-se como resultado de múltiplas questões (sociais, políticas, econômicas, culturais). Tais condicionantes, analisadas no entrecruzamento com o objeto, fazem com que o pesquisador se distancie da aparência para se aproximar da essência. Considerando que tais elementos são resultantes da materialidade de relações sociais concretizadas historicamente, “[...] a pesquisa deve captar a matéria de maneira detalhada, analisando o desenvolvimento de suas várias formas e conteúdos” (FARIA, 2011, p.26);
- c) O método que parte da ideia sem considerar o movimento do real, ou seja, “que [entende] o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si e se move por si mesmo”, acaba permanecendo, ao final, com uma representação da própria ideia. Diferente é a Dialética na perspectiva de Marx que, partindo da forma aparente do objeto na conjuntura do real (e intermediada pelo pensamento), realiza uma análise das categorias mais simples ou complexas que o compõem. Por isso, tem condições de voltar ao objeto (ponto de partida) com revelações “de uma rica totalidade de determinações e relações

diversas”. Trata-se, agora, do concreto pensado, contemplado no movimento da tese-antítese-síntese;

- d) Sobre as categorias simples, Marx (1987, p.18) evidencia que estas se configuram como “a expressão de relações nas quais o concreto pouco desenvolvido pode ter se realizado sem haver estabelecido ainda a relação ou o relacionamento mais complexo”. Apresentando o exemplo do dinheiro, o mesmo é uma categoria que existe num todo menos ou mais desenvolvido: “o dinheiro [...] existiu historicamente, antes que existisse o capital [...], os bancos [...], o trabalho assalariado”. Não sendo um elemento central na antiguidade, na sociedade burguesa alcança seu pleno desenvolvimento. Muitas categorias, apesar de existirem em momentos passados, só adquiriram (ou vão adquirir) sua forma mais complexa (desenvolvida) nos marcos de determinados modos de produção.

Sobre a interação do sujeito com o objeto, com vistas a sair do concreto e ir para o concreto pensado, Faria (2011, p. 31) esclarece que não se trata de um processo simplificado, pois este consiste num “percurso dialético enriquecido com as múltiplas determinações do real que o sujeito foi capaz de desvendar e com as reelaborações que o sujeito foi capaz de fazer em suas reflexões, pois ambos, sujeito e objeto, se moveram no processo”. É justamente por isso que não há nada de determinista no método formulado por Marx, pelo contrário, ao analisar as categorias na conjuntura do modo capitalista de produção, tal método expõe os determinismos do capital ao levantar as interações da sociedade em sua complexidade: “[...] o programa marxiano é formulado exatamente como a ‘emancipação’ da ação humana do poder das implacáveis determinações econômicas” (MÉSZAROS, 2009, p. 72).

### **Considerações Finais**

A evolução da ciência não é resultado tão somente das análises realizadas nos marcos de um paradigma, mas das diferentes leituras que são possíveis a partir de métodos/paradigmas diferentes. Thomas Kuhn aponta isso ao evidenciar que as revoluções científicas devem ser entendidas como condição para o progresso da ciência, sendo que a renovação de um campo de estudo por métodos diferentes daqueles que dominam um determinado período é específica em cada ciência. Se é possível situar, por exemplo, a renovação da Geografia como um processo que começou a ser gestado no início da década de 1950 na França, por meio dos movimentos da Geografia Ativa, culminando, no Brasil, com a crítica ao positivismo e ao neopositivismo na década de 1970, verificamos que, no Turismo,

de uma forma generalizada, os balizamentos são os do positivismo e do neopositivismo, com desdobramentos do funcionalismo e do estruturalismo, ou mesmo de uma crítica vulgar. Estas são as bases para a evolução no campo dos estudos turísticos. Sem elas, não seria possível avançar ou mesmo afirmar o seu status científico.

Mas, considerando que o capitalismo, nas suas constantes reinvenções, gera problemas que estão para além dos quebra-cabeças, os paradigmas anteriores não abarcam e deixam sem respostas os fatos ligados aos processos contraditórios próprios da racionalidade econômica vigente. Fica latente, então, a renovação do turismo sob bases analíticas que dêem conta de captar os movimentos contraditórios próprios da dinâmica sócioeconômica em escala local, regional e nacional. O método Dialético, na perspectiva do Materialismo Histórico, “apresenta-se como uma prática científica que não é realizada a partir de fórmulas vulgares, modelos acabados e sistemas padronizados de tratamento de dados [...], bem como não possui soluções previamente confeccionadas” (FARIA, 2011, p. 26), mas trata-se de um método que busca, por meio da análise do fato no entrecruzamento com categorias condicionantes, perceber e expor a situação contraditória da realidade para que coletividades sejam orientadas em suas práticas cotidianas.

### Referências

- CHEVALLIER, Jean-Jacques. **As grandes obras políticas:** de Maquiavel a nossos dias. 3.ed. Rio de Janeiro: Agir, 1982.
- FARIA, José Henrique de. **Materialismo Histórico e Estudos Interdisciplinares.** Curitiba: EPPEO, 2011.
- KUHNS, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas** (tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira). São Paulo: Perspectiva, 2009 (Coleção Debates).
- KOSIK, Karel. **A dialética do concreto** (tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio). 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LUKCAS, Georg. **El Asalto a la razon:** La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. México: Ediciones Grijalbo, 1972.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos** (tradução de José Carlos Bruni, et. al.) 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os pensadores).
- MÉSZAROS, István. **Para além do capital** (tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa). São Paulo: Boitempo, 2006.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política: uma introdução crítica.** 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- PARAMIO, Ludolfo. El materialismo histórico como programa de investigación. In: ESPINOSA, E.L.; IBANEZ, J.E.R. **Problemas de teoria social contemporánea.** Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1993. p. 551-590.
- ROBERT MORAIS, A.C. **A valorização do espaço.** São Paulo: Hucitec, 1989.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.